

A preparação de

É cada vez mais urgente que líderes empresariais e governantes definam as formas de aproveitar ao máximo os investimentos para a Copa e os Jogos Olímpicos no Brasil. A herança deixada pelas maiores competições esportivas do mundo deve beneficiar o País antes, durante e depois dos eventos.

Por Luiz Silveira

Quando o empresário Angelo Oliva abriu casualmente um exemplar da revista Mundo Corporativo, em um voo que realizou entre duas capitais brasileiras, em fevereiro de 2007, não imaginava estar prestes a dar uma guinada em seus negócios. Oliva tinha uma revendedora de pneus de kart, mas uma reportagem sobre as oportunidades geradas pela Copa do Mundo no Brasil o levou a criar o Centro de Treinamento Esportivo do Nordeste (Ceten), em Itaitinga (CE), na região da Grande Fortaleza. O projeto do empreendimento é formar jogadores de base e, quem sabe, hospedar uma seleção estrangeira que venha a jogar em Fortaleza durante a Copa.

Embora a ideia tenha surgido assim, de repente, o caso de Oliva mostra a importância do planejamento de longo prazo para a viabilidade dos investimentos que visem aos dois grandes eventos esportivos que o Brasil receberá nesta década: a Copa do Mundo da Federação Internacional de Futebol (Fifa), em 2014, e os Jogos Olímpicos de 2016.

O primeiro grande diferencial do Ceten é que ele já está funcionando desde 2009 - cinco anos antes da Copa. "O importante é que todos os projetos façam sentido antes, durante e depois desses eventos esportivos", diz Robson Calil Chaar, sócio da área de Consultoria em Gestão de Riscos Empresariais da Deloitte e responsável pela condução dos projetos relacionados à Copa do Mundo de 2014 conduzidos pela organização.



um legado

Este é justamente o caso do Ceten. Na fase pré-Copa, Oliva está formando jogadores de base. Já há 120 jovens garotos treinando no local, a metade como internos do Centro. O cunho social do empreendimento permite que patrocinadores utilizem as leis de incentivo ao esporte para financiar as atividades do Centro. "Já temos R\$ 500 mil garantidos para 2010, o que significa cerca de metade dos gastos totais logo no primeiro ano de atividade plena", afirma o empresário. Além disso, a boa infraestrutura do Ceten está atraindo clubes da primeira divisão do campeonato cearense para fazer sua concentração, o que gera novas receitas.

Por já estar em funcionamento e ser economicamente sustentável até a Copa, Oliva acredita que não será difícil hospedar uma seleção estrangeira durante o evento. O próximo investimento será justamente em um pequeno hotel, anexo ao Centro, para receber jornalistas e membros da delegação estrangeira.

A Copa é essencial para o projeto do Ceten, por conta dos objetivos de Oliva para depois dela. A ideia é que a visibilidade gerada durante o evento atraia ao Ceten clubes da segunda divisão dos campeonatos europeus, que se concentram em locais mais quentes para os treinamentos durante o inverno no Hemisfério Norte. "Estamos a apenas sete horas de voo da Europa", explica.

Na avaliação de Calil, o modelo do Ceten merece ser replicado. A viabilidade dos projetos no longo prazo deve ser prioridade para todos os investimentos, públicos ou privados. Prova disso está na Copa sediada no Japão e na Coreia do Sul, em 2002. Segundo Calil, das 22 arenas construídas para o evento, oito já foram demolidas por total inviabilidade econômica. Com elas, foram também alguns bilhões de dólares. "O custo desses grandes eventos está dado. Cabe agora definir quais serão os benefícios", diz Calil.

Planejamento

Calil, da Deloitte, alerta que os empresários e governos devem começar agora a definir os objetivos que podem alcançar com a Copa e os Jogos Olímpicos, para que haja tempo suficiente para



desenhar e executar os planos. O Brasil precisa tomar cuidado, segundo o sócio, porque tem características similares às da África do Sul, podendo incorrer em dois erros centrais que já impediram o máximo aproveitamento dos potenciais benefícios da Copa de 2010 naquele país. O primeiro foi a constante postergação das decisões e dos projetos. E o segundo foi a falta de planejamento, que fez com que os gestores e os recursos fossem consumidos pelas necessidades emergenciais. Em resumo: a África do Sul teve de ficar apagando os incêndios que foram aparecendo durante a preparação, o que impediu o foco no futuro.

Angelo Oliva, fundador do Ceten, no Ceará: empreendimento viável antes, durante e depois da Copa do Mundo

Um exemplo da necessidade de planejamento é o preço do cimento, que disparou na África do Sul, encarecendo muito o custo das arenas e das obras de infraestrutura e gerando a escassez do produto no mercado da construção civil. "Não havia sequer a visão de que isso poderia acontecer e os organizadores tinham de administrar os problemas conforme eles iam acontecendo", recorda Calil, que esteve na África do Sul acompanhando alguns projetos relacionados à Copa no segundo semestre de 2009.

No lado oposto, está Londres, sede dos Jogos Olímpicos de 2012. O planejamento é considerado exemplar, mas chegou a incomodar, conta John Auton, sócio da área de Auditoria da Deloitte e responsável pela condução dos projetos da organização relacionados à Olimpíada de 2016 no Rio de Janeiro. Londres ficou tanto tempo fazendo seu planejamento estratégico que chegou a ser criticada por retardar o início das obras. No entanto, quando elas começaram, viu-se que o tempo despendido na fase de planejamento justificou a espera.

“O maior legado que a Copa do Mundo trouxe para a África do Sul está ligado à infraestrutura de transportes. Aeroportos foram expandidos e revitalizados, as ruas ampliadas e recapeadas, diminuindo o congestionamento e facilitando o desenvolvimento social.”

Innocent Dutiro, sócio da Deloitte na África do Sul e responsável pela condução de projetos relacionados à Copa de 2010

Apesar da falta de planejamento, a África do Sul ainda pode ser considerada um exemplo, pelo menos do ponto de vista do legado da infraestrutura. Segundo Innocent Dutiro, sócio da firma-membro da Deloitte na África do Sul e responsável pela condução dos projetos relacionados à Copa de 2010, o maior benefício que o evento trouxe para aquele país está ligado ao transporte. "Aeroportos foram expandidos e revitalizados, as ruas ampliadas e recapeadas, diminuindo o congestionamento e facilitando o desenvolvimento social", relata Dutiro.

Calil conta que "descer do avião em Joanesburgo hoje é uma experiência totalmente diferente de quando o país foi escolhido para sediar a Copa". Já do ponto de vista da imagem externa, o sócio considera que a África do Sul perdeu uma oportunidade de se projetar internacionalmente. "O que pensamos daquele país hoje é o mesmo de antes", alerta o sócio.

Foi justamente a melhora na imagem internacional que pesou para os investimentos da China nos Jogos Olímpicos de 2008. Embora não haja informações precisas sobre o desenvolvimento social que pode ter sido gerado pela Olimpíada, a China, de fato, conseguiu mostrar sua capacidade econômica ao mundo ocidental. "Além disso, houve um planejamento de longo prazo para a formação e o desenvolvimento de seus atletas, tendo como consequência o primeiro lugar no quadro de medalhas naqueles jogos", lembra John Auton.

Legislação

Na linha do pensamento de longo prazo, há até de se fazer alterações na legislação para receber os grandes eventos adequadamente, cumprindo os contratos que ainda serão firmados com o Comitê Olímpico Internacional (COI) e com a Fifa. Considerando a morosidade para a tramitação das emendas legislativas e a quantidade de pontos que precisam ser revistos, Calil alerta que, desde já, é preciso repensar as leis para tornar a contratação de serviços mais ágil do que no modelo atual de licitações e para aumentar a atratividade de novos empreendimentos, da iniciativa privada.

Além disso, os contratos com as organizações esportivas internacionais podem prever multas para o descumprimento de cláusulas. Entretanto, essas cláusulas podem bater de frente com leis brasileiras, ou exigir novos arcahouços legais para terem valor. "Na África do Sul, a Fifa fechou restaurantes que expunham marcas no entorno dos estádios, e isso, no Brasil, vai exigir mecanismos de compensação para os donos dos estabelecimentos", diz Calil. No caso, o contrato com a Fifa estabelece que somente as marcas patrocinadoras oficiais podem aparecer em imagens de cobertura da Copa e em determinadas distâncias dos estádios. Se uma liminar

impedir o fechamento desses estabelecimentos, por exemplo, o País pode ser multado.

Também poderá ser necessário criar um novo marco legal para contar com uma maior participação da iniciativa privada na saúde pública. "Imagine o estrago para a imagem do Brasil se um estrangeiro tiver um problema de saúde em Fortaleza, assistindo a um jogo, tiver de ser transferido para São Paulo e morrer a caminho", exemplifica Calil. A solução, para ele, é estimular a entrada de recursos privados na construção de hospitais nas cidades-sede. Mas, para isso, o negócio precisa ser mais atrativo do que hoje.

Muito mais do que medalhas olímpicas

Os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos são, sem dúvida, dois dos maiores espetáculos do mundo. No período dos eventos, o país que sedia as competições se torna o foco das atenções da mídia internacional, de espectadores, de turistas e, conseqüentemente, de investimentos. E, com isso, vem a oportunidade de se construir legados para as próximas gerações.

A cidade de Londres, por exemplo, que irá sediar a Olimpíada de 2012, investiu cerca de £ 2 bilhões na melhoria da infraestrutura urbana, o que equivale, praticamente, à construção de uma nova cidade.

Contratos relacionados com Londres-2012 já chegam a mais de £ 3,5 bilhões, e cerca de 950 empresas participam de projetos ligados ao evento. Dessas, 98% são organizações do Reino Unido. Sete em cada dez são pequenas ou médias empresas.

Entretanto, sediar os Jogos exige planejamento e execução impecáveis, para que, passadas as seis semanas de competições, os investimentos em infraestrutura e serviços continuem beneficiando todo o país.

Londres, que é conhecida no mundo inteiro como uma cidade-modelo em infraestrutura urbana, tem construído vários legados sociais com a preparação dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos. Além de contribuir para a inclusão de deficientes na sociedade com a melhoria da acessibilidade, áreas menos desenvolvidas, como o Lower Lea Valley, no extremo leste da capital do Reino Unido, estão sendo revitalizadas.



E o legado da Copa e da Olimpíada, sem dúvida, ficará para a população dessas localidades quando as delegações esportivas deixarem o País. "É por isso que os Jogos precisam gerar legado: se o governo fosse capaz de fazer tudo sozinho, já teria feito", afirma Calil. No caso dos Jogos Olímpicos, por exemplo, o custo total de investimento já é estimado em torno de R\$ 50 bilhões. "Tem de haver um legado de 20 anos para um evento de 20 dias", completa Auton.

Prova de que o legado social de um grande evento esportivo não tem fronteiras está na preparação de Londres para a Olimpíada de 2012. A maior cidade europeia, sempre lembrada como referência internacional de infraestrutura urbana, está aproveitando o evento para revitalizar uma área no seu extremo leste, o Lower Lea Valley. Com muitos de seus habitantes desempregados há duas gerações, a região vinha se mantendo historicamente com um nível de desenvolvimento bem abaixo da média da cidade, desde os tempos da Segunda Guerra Mundial,

quando foi bastante afetada. "Os Jogos Olímpicos estão representando para a população local uma oportunidade de geração de novos empregos e de melhoria na infraestrutura de transportes e das condições de vida", conta Heather Hancock, sócia da firma-membro da Deloitte em Londres e que lidera mundialmente os serviços da organização relacionados à Olimpíada.

O próprio processo de preparação para os eventos já pode começar a gerar legados, para continuar usando o termo que a própria Fifa e o COI adotam. Muito além das obras de infraestrutura, esses eventos podem deixar um grande legado social, que começa com a capacitação de mão-de-obra. Desde carpinteiros, pedreiros e encanadores que trabalharão na construção das arenas até gestores especializados na área de esportes, muitos profissionais serão formados. "Os clubes e campeonatos de futebol brasileiros nunca mais serão os mesmos depois da Copa", prevê Calil.

O governo de Mato Grosso, por exemplo, que tem sua capital entre as sedes para a Copa de 2014, definiu 26 frentes de trabalho - que correspondem às 26 áreas de abordagem definidas pela Fifa - para garantir um bom planejamento de longo prazo. Entre as comissões de Cuiabá, estão uma para novos negócios, uma para sustentabilidade e uma só para leis e protocolos. "O momento pré-vestibular chegou para as cidades-sede, que precisam decidir o que querem ser quando crescerem", compara Calil. O comitê organizador da Copa em Cuiabá está fazendo cursos de treinamento para começar já a formar gestores de projetos, para que eles sejam capazes de atuar com sucesso nas frentes de trabalho que estão sendo criadas. Depois da Copa, a habilidade gerencial dessas pessoas não será desperdiçada.

E, além dos novos profissionais de gestão, pode haver também novos talentos do esporte revelados pelos projetos de base, como o Cetem, do Ceará. "Quem sabe não terei um garoto revelado pelo Cetem jogando com a camisa do Brasil em 2014?", brinca Angelo Oliva.

“Londres ficou tanto tempo fazendo seu planejamento estratégico que chegou a ser criticada por retardar o início das obras (para a Olimpíada de 2012). No entanto, quando elas começaram, viu-se que o tempo despendido na fase de planejamento justificou a espera.”

John Auton, sócio da Deloitte responsável pela condução de projetos da organização relacionados à Olimpíada do Rio de Janeiro, em 2016